



DR. AFFONSO COSTA

O eminente homem publico é, enfim, restituído à liberdade

Ao fim de um longo cativeiro no forte da Graça de Elvas, que durou 11 dias, foi restituído à liberdade, no dia 30 do mez findo, o sr. dr. Afonso Costa, illustre chefe do Partido Republicano Portuguez.

O facto encheu de imenso jubilo os admiradores e correligionarios do grande republicano, produzindo a noticia em todo o paiz enorme sensação.

O acanhado espaço do nosso jornal não nos permite historiar largamente as causas que originaram a prisão do sr. dr. Afonso Costa, nem a deprimente situação em que se encontra a imprensa portugueza de molde a podermos comentar devidamente a monstruosa perseguição de que foi vitima o presidente do ministerio transato, a cujo esforço, inteligente e patriótico, a Republica tantos e tão relevantes serviços deve.

Não podemos, todavia, reprimir o impeto da nossa alegria para fazermos no numero de hoje algumas considerações acerca da extraordinaria aventura cometida pelos detentores do poder contra um dos mais caros filhos da Terra Portugueza.

O sr. dr. Afonso Costa regressava de Paris da conferencia inter-aliados, onde, como representante de Portugal, acabava de honrar o seu paiz com as cintilações fulgurantes do seu poderoso talento.

Quando já pisava o torrão florido da Patria, o notavel estadista foi surpreendido com o troar do canhão que uma sedição militar fazia ouvir no Parque Eduardo VII, em Lisboa, condemnando o regime parlamentar e o governo constitucional da nação. Encontrava-se no Porto e, como chefe do gabinete que então tinha assento nas cadeiras do poder, seguiu immediatamente para Lisboa a inquirir da importancia do movimento revolucionario. Antes, porem, de chegar á capital, o sr. dr. Afonso Costa adquiriu a certeza de que a revolução atingira probabilidades de exito e de que todas as medidas se haviam tomado para opor a possivel resistencia á acção dos revolucionarios, competindo-lhe apenas aguardar os acontecimentos. Foi o que fez, voltando para o Porto e esperando ali que se decidisse a contenda que, como é sabido, terminou com a transigencia do governo, que se fez demittir apoz as diligencias encetadas por alguns republicanos

de destaque e depois de haver a certeza de que as aspirações dos revolucionarios eram genuinamente republicanas e se resumiam em derrubar o governo e introduzir na Constituição Política a prerogativa da dissolução parlamentar.

Triunfante a revolução, o primeiro acto da junta revolucionaria foi proclamar o seu respeito

pelos compromissos internacionaes, tomados pelos governos anteriores, desmentindo-se assim o boato que corria de que o movimento era monarchico-germano-filo.

Porem, com pasmó geral da nação, viu-se que a junta, ainda em trincheira no seu reduto revolucionario, ordenava para o Porto a captura imediata do sr. dr. Afonso Costa, como refo completo da obra revolucionaria!

Não queríamos aqui enumerar, por desnecessarios e serem já do dominio publico, os actos de vergonhoso latrocínio que se seguiram ao primeiro grito hilariante do triunfo revolucionario, em nome desse mesmo triunfo, contra a fazenda e propriedade dos caudilhos republicanos, adversos do novo estado de coisas. Os domicilios devastados impunemente com o seu recheio exposto ás iras da multidão ignara e da soldadesca ebria e ameaçadora!

A honra de um partido, o maior da Republica, chasqueada sob a formula infamante e mentirosa de *demagogia*, coberta de baba peçonhenta da vil quadrilha monarchica e reacionaria que sobre ele expelia o seu esverdeado odio de vingança!

Punhados de lama de todas as especies atirados á consciencia indeleza dos homens mais illustres da Republica, apodados de traidores, de tiranos e de ladrões pela horda desorientada dos difamadores sem escrúpulos, privando-os do direito de defesa e da propria liberdade!

Quantas violencias a Historia não terá de registar no relato que fizer deste interregno revolucionario que teve o seu inicio em 5 de dezembro e a que, por ventura pelos novos processos empregados, se chama *republica nova!*

Foi durante este periodo de convulsão social, que tem oferecido ao mundo o espectáculo, a um tempo ridiculo e terrorista,

nunca visto pela Europa na idade contemporanea, nunca excedido na idade media, que o insigne patriota, sr. dr. Afonso Costa, sofreu o seu isolamento na masmorra da forteza de Elvas.

O gesto havido pelos republicanos para com os monarchicos depois da jornada de 5 de outubro de 1910, e, mais tarde, pelo 14 de maio, não teve a menor parcella de semelhança com o que se fez em materia de perseguição aos vencidos do 5 de dezembro! A benevolencia com que se acolheram os monarchicos

apoz a proclamação da Republica, desarmou-os moralmente nas suas tentativas, sempre frustradas, de restauração do *regime dos adeptamentos.*

O governo da responsabilidade do sr. dr. Sidonio Paes mandou encarcerar, incomunicabilizando-o, o homem que, com o seu prestigio pessoal e politico, encarna o sentir e as aspirações da enorme massa republicana que constitue a maioria pensante da Republica. Fez isso no evidente intuito de esmagar o Partido Democratico, com a ideia transparente e inludivel de transformar o espirito

democratico da Republica num regime autocratico que repugna a essa maioria pensante da nação. E que aconteceu?—O Partido Democratico unificou-se tão vigorosamente que fez aderir ao seu modo de ver, na presente conjuntura, os outros partidos da Republica que por sistema opositorista até agora o vinham combatendo arditosamente.

Ter-se-hia operado este fenomeno politico por mero acaso?—Não. Pela força das circunstancias, pela logica, pelo raciocinio intuitivo, pela necessidade de defesa contra o perigo comum é que em torno da figura prestijiosa do sr. dr. Afonso Costa se reunem todos os velhos republicanos. O plano do sr. dr. Sidonio Paes falhou—tenham d'isso a certeza os que não experimentaram ainda o fel das surpresas politicas que em dados momentos abalam as sociedades!

E' sempre assim: quando injustamente se perseguem, se vexam os homens, com o fim inconcessavel de se dar pasto a vaidades mal contidas, á custa do prestigio dos perseguidos, dos vexados, acontece o que o paiz está presenciando nesta hora amarga que passa, de uma expectativa dolorosa—a Patria e a Republica têm os seus olhos postos no vulto gigantesco do prisioneiro de ontem; na alma excessivamente patriótica e profundamente republicana do dr. Afonso Costa.

Por isso, a sua restituição á liberdade causou sensação em todo o paiz em fremitos de alegria que já ninguem quer, nem sabe esconder em frente do despotismo das guardas pretorianas.

Por isso, tambem nós, humildes pigmeus da imprensa provinciana, por nós e pela corrente de opinião que representamos, prestamos hoje ao esforçado portuguez, ao grande patriota e convicto republicano, que é o sr. dr. Afonso Costa, o nosso preito de homenagem, de admiração e de respeito, enviando-lhe d'aqui, com um abraço de parabens, um estrepitoso

Viva a Republica!

A noticia de que s. ex.^a estava já em liberdade foi conhecida na nossa redacção pelo seguinte telegrama de Assumar: De passagem para Portalegre passou esta vila dr. Afonso Costa pelas 5 horas sendo cumprimentado varios correligionarios havendo vivas á Republica. João Quaresma

Logo que se recebeu a noticia telegrafica a que acima alludimos foram dirigidos a s. ex.^a os seguintes telegramas:

A V. Ex.^a a quem os sinceros republicanos que ainda felizmente representam a maioria da Nação tanto anciavam dia a dia ve-lo liberto do carcere onde tão injustamente foi metido ha quatro mezes, em vos saúdo calorosamente em nome dos nossos correligionarios deste concelho. Viva a Republica.—Pela comissão municipal Republicana — José Miguel Fernandes David.

Dr. Afonso Costa—Lisboa.—Comissão paroquial minha presidencia saúdo V. Ex.^a pela sua tão desejada liberdade. Carlos Liborio

A redacção do «Mundo», tambem foram enviados os seguintes telegramas: Redacção «Mundo»—Lisboa.—Centro Democratico dr. Afonso Costa em nome nossos correligionarios pede-vos para por intermedio «Mundo» saúdar todos republicanos postos liberdade saudando igualmente direcções Centros reabertos e redactores jornaes suspensos. Manoel Santos Abreu

Redacção «Mundo»—Lisboa.—Saúdo todos republicanos hoje libertos das masmorras onde tão tragicamente foram encarcerados ha quatro mezes. Ao «Mundo» esse grande defensor da Republica que não via a publicidade desde a mesma data e cuja falta era tão apreciada como o pão de cada dia a minha respeitosa homenagem. Viva a Republica.—José Miguel Fernandes David, director da «União Figueiroense»

Um assalto á redacção da Republica

Na semana finda, um grupo armado, assaltou a redacção do nosso colega a «Republica», de Lisboa, mexendo e revolviendo tudo, em procura do original do manifesto do sr. dr. Bernardino Machado, terminando por levar preso um dos redactores d'aquelle nosso illustre colega.

O governo em logar de castigar os bandidos, vae mandar instaurar um processo contra aquele jornal, deixando em paz os atrevidos assaltantes que se julgam já os senhores de tudo isto.

O governo mostra assim a sua solidariedade com esses perturbadores da ordem publica que hão de ser metidos na ordem custe o que custar.

Isto assim não pode continuar. A «Republica» que assumiu uma attitude verdadeiramente patriótica, verdadeiramente nobre, defendendo com ardor e valentia o novo regime dos ataques dos monarchicos, é mal vista por esses maltrapilhos e d'ahi o assalto, alegando depois que iam em procura do original

